

José Falcão

JUSTIÇA PARA UM VALENTE

Solilóquio



Edição

Tradisom e Althum.com

Patrocínio

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira



Índice

Título

José Falcão
Justiça para um Valente

Autor do texto

Solilóquio

Gestão de Projeto Editorial

Luís Nazaré Gomes

Tratamento de imagem

Figueiredo Costa

Transcrição de textos

Alberto Franco

Agradecimentos

A António Redol, Alberto Franco e Luís Capucha grandes entusiastas e promotores desta edição.
A Teresa Brás Lopes, filha do Comandante João Cristóvão Moreira (*Solilóquio*), que desde a primeira hora apoiou este projecto.
A Osvaldo Falcão e ao seu filho Miguel Falcão, pela autorização de utilização e cedência das imagens e pela disponibilidade sempre manifestada.

Imagem de Capa

José Falcão, a partir de fotografia preto e branco (autor desconhecido)

Projeto Gráfico e iconografia

João Pedro Cochofel

Paginação

Filipe Wellington

Produção

Tradison e Althum.com.

Co-Edição

Althum.com, Edições Especiais Lda
Luís Nazaré Gomes
+351 919 745 338
www.althum.com
info@althum.com

Tradison, Produções Culturais Lda
José Moças
+351 939 177 277
info@tradison.com
www.tradison.com

1ª Edição: Lisboa, 1974
2ª Edição: Lisboa, Março de 2024

Depósito Legal n.º: 528775/24

ISBN: 978-989-683-204-9

Apoio

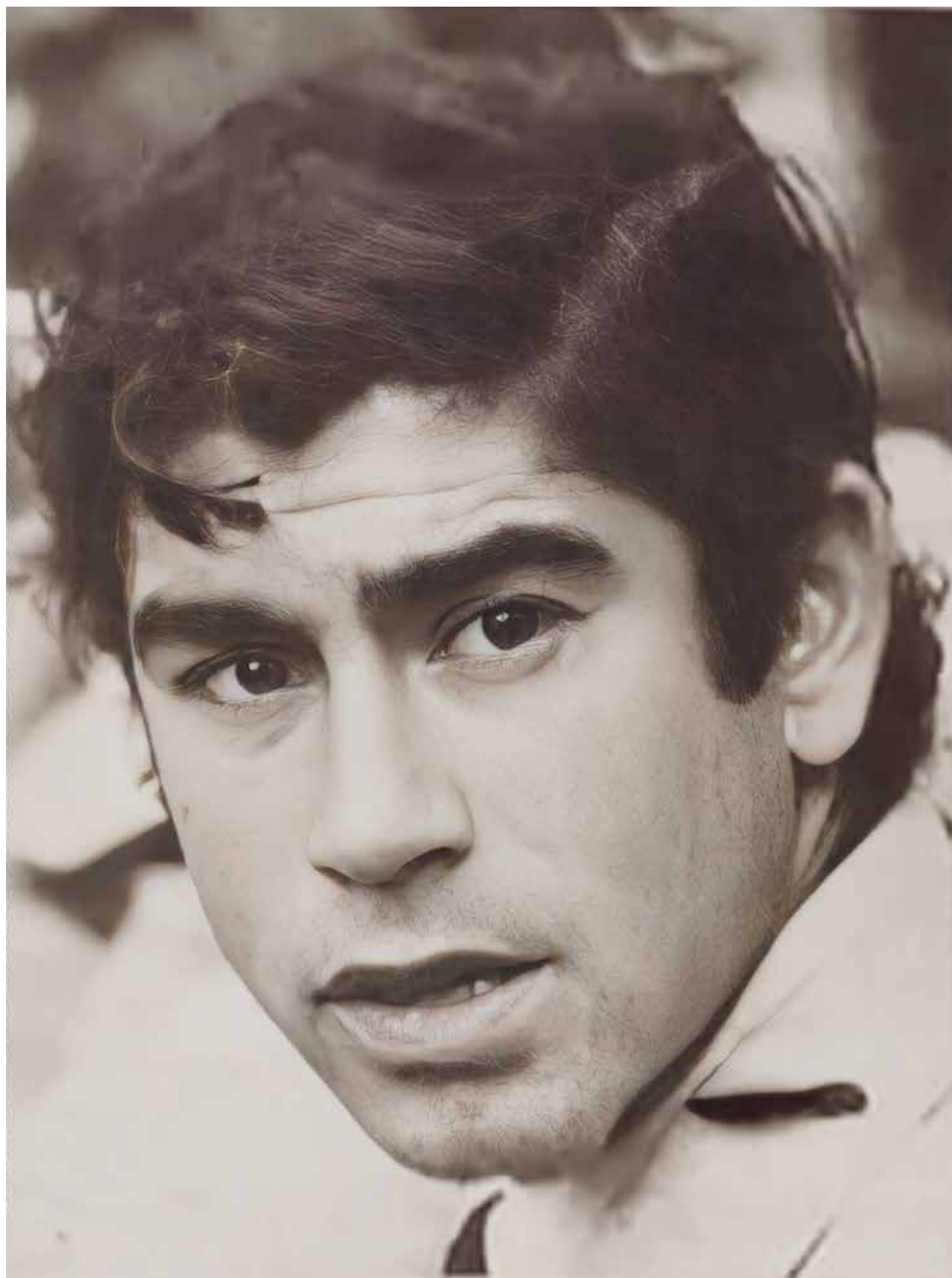
Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

Reservados todos os direitos. Proibida a reprodução, total ou parcial dos textos e fotografias sem autorização prévia e por escrito dos autores e dos editores.

© Althum.com
© Tradison



50 anos depois	5
<i>Fernando Paulo Ferreira</i>	
Viva a Liberdade	7
<i>Luís Capucha e Miguel Falcão</i>	
Um agradecimento	11
Três razões para um livro	13
José Falcão: Nome de toureiro para rua de Vila Franca	19
Infância	22
Tudo começou em família	27
De aprendiz a toureiro, pela mão dos Badajoz	34
Na rampa de lançamento	38
José Falcão, figura entre os novilheiros	51
O 14.º matador de touros português	57
Encontro com «Cuchareto»	81
Falcão e sua gente	86
Perfil dum toureiro	97
Apêndices	
Relação de corridas toureadas	124
Antologia breve	132
<i>Solilóquio</i> e José Falcão	141
Sobre João Cristóvão Moreira	144



ANOS DEPOIS DA SUA PRIMEIRA EDIÇÃO, a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira associa-se com satisfação à reedição da obra “José Falcão, Justiça para Um Valente”, da autoria de João Cristóvão Moreira (“Solilóquio”).

A presente edição é mais um importante contributo para valorizar a Cultura Tauromáquica, evocando a memória do matador de toiros vilafranquense José Falcão, referência nacional e internacional na arte de tourear.

Ao mesmo tempo relembramos o seu autor, João Cristóvão Moreira, que nos deixou em 2013.

Em Vila Franca de Xira têm sido muitas as homenagens prestadas ao Maestro José Falcão. Foi implantado um busto em sua memória em julho de 2021 no início da rua que também tem o seu nome; em 2014, 40 anos após a sua morte, a Câmara Municipal evocou-o com a grande exposição biográfica “José Falcão. 1942 – 1974”, realizada no Celeiro da Patriarcal, e que deu a conhecer a sua vida e a sua carreira, que terminaram de forma trágica na Monumental de Barcelona; dez anos antes, em 2004, o Município distinguiu o Maestro José Falcão com a Medalha de Valor Cultural Dourada.

Nesta publicação participam ainda muitas outras personalidades, às quais agradeço pela disponibilidade e contributos. O nosso obrigado a Luís Nazaré Gomes e a toda a equipa da Editora Althum, a Alberto Franco, a Luís Capucha e, muito particularmente, aos elementos da família de José Falcão (Osvaldo e Miguel Falcão, respetivamente seus irmão e sobrinho) essenciais para que todas estas iniciativas continuem a transmitir não só a *afición* e a admiração pelo toureio, mas também a emoção e o afeto por um homem que nos deixou demasiado cedo e deixou a sua marca na história de Vila Franca de Xira.

Fernando Paulo Ferreira
Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira



Viva a Liberdade



À A LIBERDADE ACABARA DE NASCER, quando ainda lutava pela vida mas já ousava iluminar os dias cinzentos do nosso país, uma pequena vila portuguesa que tanto lutara por ela foi atingida por uma notícia brutal que não merecia e que lhe encheu de tristeza a alma grande: em Barcelona, na tarde de 11 de agosto de 1974, o toiro Cuchareto, de Hoyo de la Gitana, roubara a vida ainda em flor de um dos seus mais queridos filhos, José Falcão, matador de toiros. Nesse dia nasceu um herói imortal.

Cristóvão Moreira (aliás, Solilóquio), comandante da Marinha, aficionado e escritor taurino que também conquistou a imortalidade, não de muleta e estoque, mas de pena na mão, cantou a gesta do herói e com o povo vilafranquense chorou a sua partida, num livro que é uma das raras obras-primas da literatura taurina em Portugal. O livro que aqui e agora, passados 50 anos, tantos quantos tem a liberdade, se torna a publicar com a devida dignidade. A dignidade merecida pelo autor, pelo herói e pelo povo de Vila Franca.

Os toureiros são sacerdotes de um rito antigo no qual se expõem à morte para devolver à comunidade dos homens o sentido mais profundo da vida. Ao rolar na arena, fulminado por espada certa, o toiro, símbolo de força, de abundância, de virilidade genesíaca, portador de vida e de morte, cada uma numa ponta dos seus pitons, entrega-se com bravura e nobreza em sacrifício festivo e generoso à celebração num ritual de exaltação da vida. O toiro é o totem de uma tribo ancestral que corrida após corrida, ano após ano, celebra a existência e os valores da valentia, da entrega, da superação, da solidariedade entre os homens. Normalmente o toureiro vence o piton da vida, mas o risco de ser colhido pelo piton da morte está sempre presente. Só assim a Festa pode fazer sentido.

Piton da morte? Não! Os toureiros valentes nunca morrem, porque a sua memória, o seu exemplo, a sua imagem, permanecem para sempre nos corações dos aficionados. E, por muito que os inimigos da Festa o queiram impedir, a imagem, o exemplo, a memória, passarão de geração em geração. Como cos-

José Falcão na Praça de Touros de Baiona
[1968]

Col. Particular

tuma dizer Osvaldo Falcão, “o Zé anda por aí a tourear”. Porque quer e porque pode. Em plena liberdade eterna, liberdade.

Ser toureiro é um exercício de liberdade, o que é preciso lembrar num momento em que, ao contrário de 1974, a Festa é perseguida por gente intolerante, anti-humanista mais do que animalista, que não a compreende nem quer compreender e respeitar. E que a persegue, pretendendo impor, de forma ditatorial, a sua tacanha e sectária visão do mundo e o seu gosto canhestro e fanático.

Em boa hora se republica o magnífico louvor que Solilóquio cantou ao nosso herói. Assim volta José Falcão a colocar-se à frente dos seus para afirmar o seu direito a existir e a viver com a sua cultura.

Este livro é, assim, um grito de afirmação da nossa identidade e da nossa dignidade. Da nossa Humanidade. Um grito de quem, honrando os seus, continua a gritar: Viva a Liberdade!

Luís Capucha e Miguel Falcão

Vila Franca de Xira, Novembro de 2023

*Para Rosa,
a mulher e companheira.*

*Para Sofia e Fernando,
os pais que sempre lembrava.*

*Para Carla Sofia,
a filha que não chegou a ver.*



Um agradecimento que o autor não se sentiria bem se não fosse escrito



ERIA INGRATIDÃO MINHA se neste livro não lembrasse, para além da ajuda, sempre pronta mesmo quando penosa, da família de José Falcão, outras amizades que tornaram possíveis estas páginas. Não amizades pelo autor, que no mundo taurino não tem crédito de favores, autor de livros que, leitura de poucos, são desagradado de alguns. Amizades, sim, por José Falcão, por um homem com certeza bom, pois não bastava eu chegar algures, dizer ao que ia, depressa as portas se abriam para a ajuda pedida. Assim, numa ou doutra maneira, entraram neste livro todos aqueles a quem recorri: em Vila Franca, alguns dos seus amigos mais chegados, o José Carlos Gomes e o Diamantino Ferreira, o Carlos Costa e o João Perdigão, o José Ferreira e o João Mascarenhas; entraram Júlio Góis e o Bacatum, e a ajuda do Carlos Manuel Pias; em Coruche, os mestres do toureiro, António e Manuel Badajoz, e o Carlos Brito, e Dona Fernanda Veiga; e, naquele fim-de-tarde, no Monte das Flores, às portas da sua Évora-natal, o Óscar Rosmano, companheiro de tantas tardes e que o desgosto levou a retirar-se, cancelar os contratos que tinha. Em Salamanca encontrei a desvelada e comovedora companhia de Adolfo Lafuente e Vicente de la Calle, que foram seu peão e moço-de-espadas de tantos anos, e o cavalheirismo do apoderado Simon Carreño; em Madrid houve o Juan Caballero, sempre pronto a buscar-me o que faltasse, como fez em Lisboa o Fernando Loureiro, crítico taurino da Vida Ribatejana; sem esquecer o apoio aberto do seu director, Luís Filipe Nunes Dias, nem o José Agostinho dos Santos, que em Portugal foi dedicado representante do toureiro, nem Dália Pedrosa, que nas fichas do Sindicato buscou as corridas toureadas por Falcão em praças portuguesas. E em França houve a espontânea oferta de ajuda de M. Guerra de Cea, laureado da Academia Francesa, e o desvelo de Marc Roumengou, mandando ao autor tudo quanto pôde obter para servir a imagem dum toureiro que de ambos – de todos – tinha a admiração.



◀ No México como em todo o mundo taurino, José Falcão triunfou

Fotoliko



Três razões para um livro



ESTE LIVRO, O PORQUÊ DO DESEJO não só de o escrever, também de o publicar, explica-se por três razões. Razões que não precisam de confiança, vou dizer quais são. Razões para que o livro tenha nascido, também para que tenha nascido assim, directo, elementar, sem buscar romanceio nem pretexto de lágrima: apenas um arrumar consciente de factos, o propósito de nessa arrumação reconstruir, de forma simples e verdadeira, a vida dum homem simples que foi um matador de touros verdadeiro.

José Falcão entrou no mundo taurino sem o apoio de padrinhos influentes, numa época em que a comercialização da Festa atingia (atinge) requintes nunca antes igualados, com meia dúzia de empresários poderosos a tomarem por conta todas as praças importantes, a distribuírem pelos cartazes os touros e os toureiros: os touros fáceis, de que compram (e manipulam) as camadas inteiras; e os toureiros seus protegidos, de que se fazem administradores (proprietários) exclusivos, pelo menos enquanto eles não se tornam figuras com peso para também darem sentenças. José Falcão entrou no mundo taurino quando já um matador sem a protecção dos poderosos tinha de escolher entre o passar a subalterno e o entregar-se à quixotada de seguir em frente, usando como armas os ossos duros que ninguém mais quisesse roer; a não ser que, sendo português e resignando-se a abdicar da profissão escolhida, faça como outros: regressar ao aconchego do país das touzadas, dos novinhos pequenotes e bem arranjadinhos – e assim abdique de vez da sua condição de matador de touros.

José Falcão optou por seguir em frente, nesse sacrifício que só não era quixotada porque em sua penosa marcha havia, sem rancor, a consciência do mundo e das circunstâncias. E também sabia que, se apenas quisesse ganhar para sustento, com bem menor risco o iria conseguir a tourear em Vila Franca ou na Moita, até em Abiul ou na Barquinha. Seu propósito, ao aceitar esse combate desigual, era o de chegar mais longe, ao além onde brilhava a luz de suas humanas esperanças. Assim foi José Falcão. Assim andou de praça em praça do mundo taurino, das grandes cidades

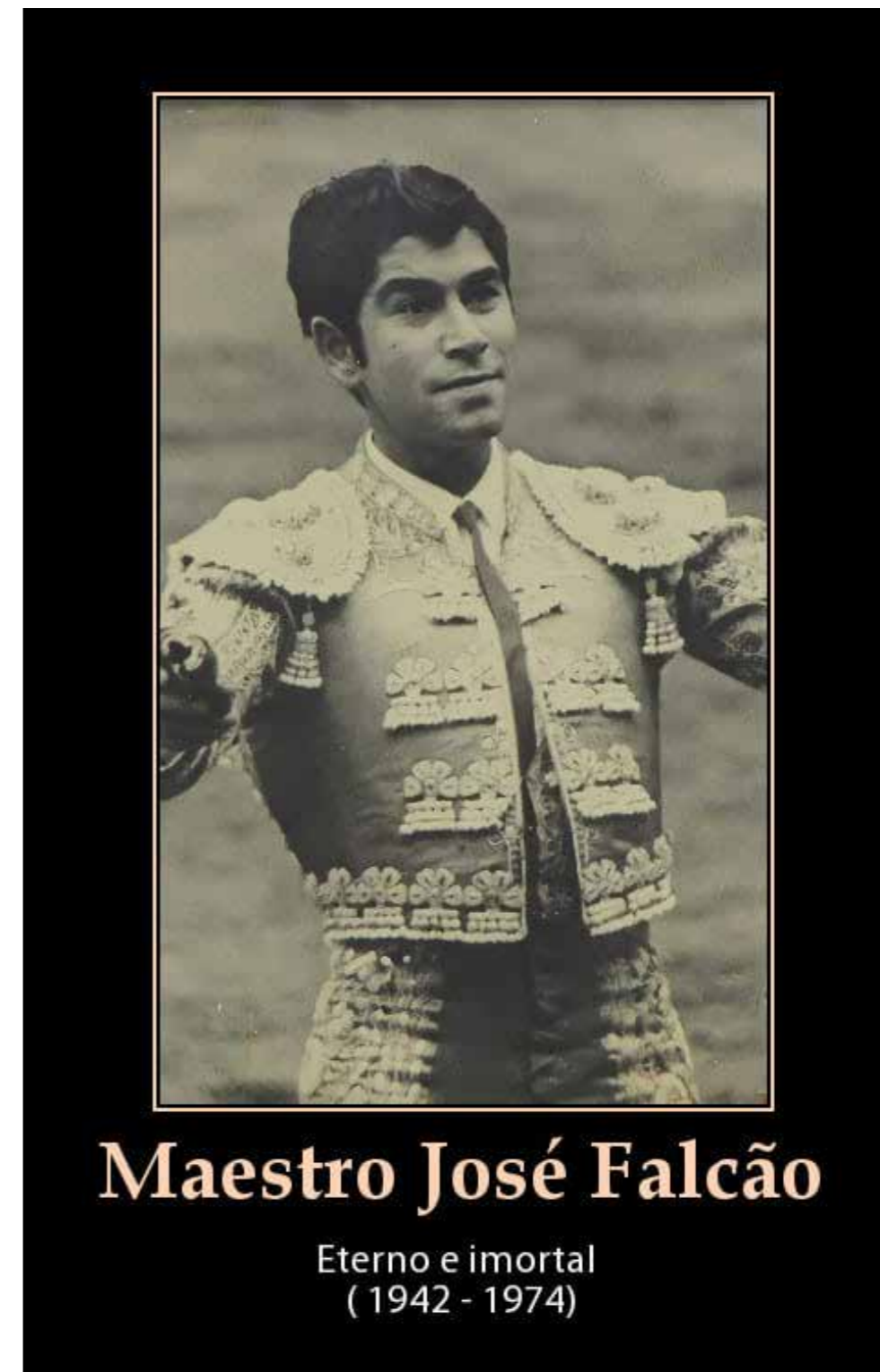
◀ José Falcão avança para o seu destino: ser e morrer toureiro

Foto: Nuno Ferrari

aos povoados com nome que se não lê no mapa. Assim, sem recorrer nem à bajulice nem à mentira, foi erguendo a seu favor um coro de vozes respeitáveis e sinceras, vozes de aficionados que sabem ver onde não há pamplinas, vozes de críticos que não aceitam vender-se, vozes de espectadores que intuem a autêntica valentia. Assim, sem queixas nem lamentos, não deu tréguas à má sorte e injustiças que a cada passo lhe saíam ao caminho, usou contra elas as armas da jovialidade e da franqueza. Assim aconteceu que, num cartaz de qualquer praça de touros do planeta, seu nome fosse anúncio de alegria, sinal de verdade, promessa de honradez. Assim, às claras e a direito, foi acabar em Barcelona a trajectória desse José Falcão que deixara de ser apenas de Vila Franca, já no mundo taurino ninguém o ignorava, nesse complexo mundo tinha, de direito, um lugar. Assim, nesse lugar, morreu em certa tarde de Agosto, em ombros saiu da praça, de vez conquistado o direito a que a História da Tauromaquia fale de seu nome. Primeira razão deste livro.

A notícia da morte de José Falcão chegou ao seu país num momento em que a alguns pareceu um pecado, mais um a juntar a tantos outros desse pecados que, a partir do 25 de Abril de 1974, as gentes de boa vontade estão empenhadas em apagar desta terra. E pareceu um pecado mais, porque existem umas dúzias de fulanos desejosos de criar, na opinião pública nacional, a falsa ideia de que a Festa é uma reminiscência medieva, na qual a monarquia teria cuidado de manter os rituais separadores das classes, e o Estado Novo teria sustentado como viveiro dum machismo que lhe servia os propósitos. Sobre os fundamentos dessa falsa ideia, raros terão seriamente discorrido; muitos a aceitaram apenas porque, sem gostarem nem se interessarem pela Festa, não vêem na sua desapareição qualquer inconveniente; e bastantes aderiram à campanha, pelo sistema do «quem cala consente», talvez pelo receio de ficarem mal vistos, às costas o peso bruto da adesão a qualquer coisa que o tal Estado Novo não só consentia, também apadri nhava. No espalhar dessa atitude colaboraram os órgãos da informação com a Emissora Nacional à cabeça; estou a ver a cara do José Falcão, da última vez que veio à sua terra, ele todo sinceridade, todo simplicidade, sem encontrar jeito de entender por que raio havia a primeira estação de Portugal de suprimir o velho programa «Sol e Touros», meia hora por semana que aos domingos era consagrada à sua profissão. Mal pensava ele, ao saber acabado esse programa onde sem favor tanto se falava de seu nome, que essa mudez iria contrastar, num domingo já bem perto, com tantas emissoras que, por toda a Ibéria, seu nome proclamaram: e enquanto a imprensa e a rádio de Espanha levavam a tragédia e a memória de José Falcão a todos os cantos, e largamente falavam da lição do seu exemplo, em Portugal quase se limitavam as novas ao imprescindível da efeméride, às vezes meio escondida.

Só que não era possível esconder a comoção que também em Portugal se vivia, entrava nas casas, espalhava por elas uma sentida pena desse homem que a morte, já tarde, quisera transformar em ídolo. A comoção correu também por Portugal, sim: mas faltou quem mostrasse aos toureiros portugueses a dimensão, a humana e a toureira, de alguém que era exactamente um dos seus. Porque desse alheamento que os maiores órgãos de informação nacional mostraram na morte de José Falcão, num chocante contraste com o que aconteceu em Espanha, em França e na América taurina, a injustiça também está no seu fundamento político, na sua



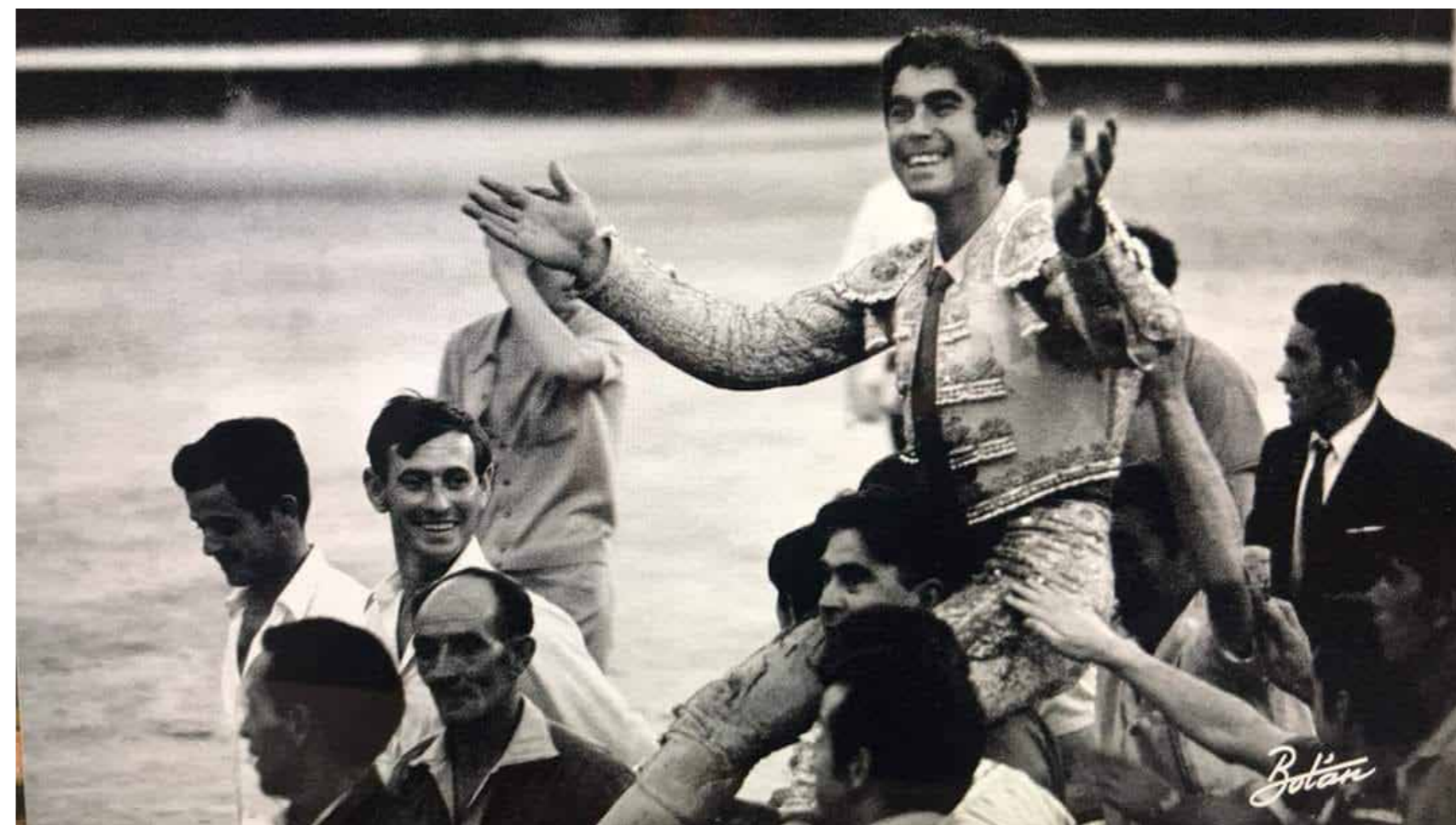
Maestro José Falcão

Eterno e imortal
(1942 - 1974)

ligação a um suposto fundamento reaccionário da Festa. Injustiça grande: porque José Falcão é a imagem acabada do cidadão que, nascido do povo e feito homem simples, jamais se afasta dessa condição; do irmão para quem são iguais o pé descalço e o chapéu alto; do companheiro que os outros não sabem acusar de traição; do trabalhador que ama a sua profissão, que a exerce de peito descoberto, que nela em cada tarde desafia sem rancor os que da fartura têm o privilégio; e que é capaz de nessa profissão arriscar a vida, morrer. Injustiça grande, das que fazem doer. Segunda razão deste livro.

Solilóquio: cronista taurino há coisa duns trinta anos. Cronista sozinho, sem emprego em jornal, apenas um aficionado que compra o seu bilhete, na arena põe os olhos, no que em seu redor se passa põe o sentimento. Sem aplaudir nem protestar, a regra é entrar mudo e sair calado. Mas pela noite, em casa ou onde calha, desabafo com a minha pena. De ser assim, um cronista aficionado que olha de fora o mundo taurino, poucos nele me conhecem, e esses em raros e furtivos encontros. Um certo dia, de Vila Franca me chegou convite para almoço. Vinha de José Falcão: creio que alguém lhe dera meus livros a folhear, neles se apercebera de que o autor, esse tal Solilóquio, percorrera por Espanha alguns milhares de quilómetros, feito um anónimo e silencioso espectador da sua luta. Ao cabo de trinta anos de escrevinhar sobre a Festa, acontecia-me o primeiro convite dum toureiro. Aceitei. Fevereiro, quinta-feira, o «Estrela do Ribatejo» estava fechado para descanso do pessoal, batemos com o nariz na porta; fomos parar a um restaurante lá nas alturas do Monte Gordo, donde se avista toda a Vila Franca, e o rio, e a lezíria. Almoço a dois. Nunca havíamos trocado uma palavra ou cumprimento, e logo se esgotara qualquer reserva ou cerimónia, que de reservas ou cerimónias não entendia José Falcão. Dali, pela estrada das Cachoeiras, ufano me foi mostrar sua casa solitária da Loja Nova, faltava acabar muro, janelas, interiores, ele mesmo dava serventia de pedreiro, de estucador, de carpinteiro, ele e os amigos, obrigados brinca que brinca a trabalhar, pois o tempo corria, a temporada quase em cima aproximando-se com a Primavera. Depois, antes que fizesse noite, fomos até às bandas da Rondulha, subimos pela terra enlameada, que das traseiras se via melhor a extensão da velha casa, que fora dos avós, quase arruinada, ameaça de mais trabalhos e novos calos nas mãos, projectos de desafogado descanso, para um dia não se sabia quando, oxalá. Ao fim da tarde, às despedidas, altura do agradecer, fiz promessa de próximo almoço, pretexto para repetição de amiga cavaqueira, dessa vez seria meu o convite.

Mas os meses passaram, nossos encontros se repetiram, ditava a fortuna que fossem assim de breves. Breves, e contudo reveladores da sua maneira simples de existir. Mais do que um toureiro modesto, que entre os modestos se distinguia pela persistência com que cada tarde repetia seu valor, Falcão era a imagem do anti-vedetismo. Os espectadores que, das bancadas da praça, o observassem atentamente, não podiam deixar de ter a impressão de que, cada vez que saía à arena, José Falcão se colocava a si próprio no ponto de partida, no zero a partir do qual é preciso construir tudo, desde o justificar a presença até ao merecer que a repitam – como se não suspeitasse que as mais das vezes essa repetição lhe seria negada. Mas tal impressão tornava-se ainda mais nítida para aqueles que o conheciam; a imagem do anti-vedetismo saía reforçada de cada encontro. Recordo certa tarde em que, na praça de Santarém, me perguntou a opinião sobre a faena sem glória que acabava de fazer a um touro, manso e difícil, do Marquês de Rio Maior: mais do que a atitude de interrogar, sem segundas intenções, um aficionado que de touros sabia afinal bem menos do que ele, guardei a expressão atenta do seu olhar; atenta e reconhecida em vez de despeitada por meu discorrer sobre o jogo talvez possível daquele manso, se lhe tivesse com outro desafogo oferecido o engano, em vez de o porfiar tão em curto. A verdade dos outros era da sua verdade ajuda ou complemento, não inimiga. Quando, da última tarde que se enfrentou com Miuras, nos cruzamos de passagem ao entrar na praça de Bilbao, recordo seu ar



de surpresa por ver, ali tão longe, alguém da sua terra, e o aberto sorriso com que sublinhou o aceno que sem uma palavra trocámos, nesses momentos que antecediam o mortal perigo. Para Falcão não existia uma multidão pendente de si: havia pessoas, cada uma como ele. De todas as vezes que o acaso fez tocar nossos caminhos, numa rua de Vila Franca, nos corredores do Campo Pequeno, algures num lugar de Espanha, encontrava sempre um homem que se sentia igual aos outros homens. Um simples com quem havia um devido e prometido almoço, pretexto de cavaqueira larga. O almoço ficou por saldar. E as dívidas assim, sem outro valor que o pretexto simbólico duma saudade, magoam. É como se o compromisso fosse maior, e maior cá dentro a precisão de o cumprir. Terceira razão deste livro.

▲
Em ombros numa arena de Espanha.
O sorriso por mais um êxito, tantas vezes à
custa do risco da colhida iminente
Foto: Botán





quando um carro que passava o atirou à pressa para São José, com fractura exposta duma perna. Do hospital dos Capuchos, para onde foi transferido, regressou curado da perna, mas não da mania dos touros, que já não o havia de largar. Tinha então nove anos.



Os dois irmãos, com familiares
Col. Particular

Aos seis anos com o tio Francisco,
transportando cabritos no mercado de
Vila Franca de Xira
[1948]

Col. Particular

Das traquinices do rapaz, disso de andar toureando o cão e as galinhas, não se queixa Dona Maria do Ó, que ajudada por sua filha Maria de Lurdes foi a professora de José Falcão. Lembra-se, sim, os setenta e seis anos que já tem não a fizeram esquecer que toda a gente gostava dele, e que sem ser grande estudante ia até onde os outros chegavam. E também se lembra dum dia em que, já reformada, foi a Vila Franca, e na rua alguém veio por trás tapar-lhe os olhos: e ela não adivinhou que era o José Carlos, feito um homem, feito um toureiro de fama que não esquecera a mestra de seus tempos de menino.

José Falcão cumpriu a 4ª classe e a admissão; e no ano de 1954 ei-lo todos os dias no comboio, caminho de Marvila, onde os pais o tinham matriculado na Escola Afonso Domingues, com vistas ao curso industrial. Mas, passados quatro anos, completado apenas o ciclo preparatório, não houve remédio senão reconhecer que não valeria a pena continuar.

Porque viver em Vila Franca, à beira da lezíria, contando os dias que faltavam para o Colete Encarnado ou para a feira anual, vendo passar os toureiros, sentindo o sonho de ser um dia como eles, eram tentações demais para que fossem por aí além todos os estudos que de ser toureiro o afastassem. Por isso quando, aos dezasseis anos, o curso da Afonso Domingues ficou para trás, como para trás ficara a passagem pelas Oficinas Gerais de Material Aero-náutico, onde trabalhou seis meses na condição de aprendiz sem vencimento, José Falcão sentiu a alegria de quem ia enfim poder dedicar-se inteiramente àquilo de que na verdade gostava.

Não se crie contudo a falsa ideia de que José Falcão era um menino apenas obcecado pelos touros. Divertia-se na praia, disfrutava fazendo hortas nas traseiras da casa, entretinha-se a passear, cedo encontrou gosto na caça – e paradoxalmente no seu pombal: que arranhou primeiro no quintal da casa e depois, por via dos cabos eléctricos que ali passavam, mudou para a encosta que sobe a partir da sua velha escola; e até se fez sócio do Clube Columbófilo Vilafranquense, onde se manteve até oferecer os pombos, quando em 1960 partiu para Coruche.



O menino José Falcão, com outras
crianças, rodeando o "Catitinha",
popular personagem que nos meses de
Verão percorria as praias

Col. Particular

Na rampa de lançamento

O público português vai começar também a ver essa casta toureira na temporada seguinte, de 1963, em que os Badajoz colocam José Falcão na rampa de lançamento, ao lado de Óscar Rosmano. Contudo, é alternando com Francisco Cutillas, «El Filigrana», que começa a temporada, e logo no Campo Pequeno, numa «Novilhada da Juventude», promovida pelo novo empresário Manuel dos Santos. Foi a 19 de Maio, e os novilhos eram de Manuel da Silva Vitorino. Falcão obteve um êxito notável para um estreante, saindo em ombros. Os tempos haviam de dar razão ao crítico Saraiva Mendes, que intitulou assim a sua crónica: «José Falcão: um nome a decorar». Quatro dias depois, alternou com José Simões na Chamusca. E a 11 de Junho foi promovido: passou à categoria de novilheiro.

1963 é o ano em que a vida de toureiro sorri a José Falcão, que ufano faz a sua primeira viagem a Madrid, a comprar percal e muletas, *montera*, sapatilhas, um capote de passeio. Toureou nessa temporada 15 novilhadas e um festival, alternando com Óscar Rosmano em 11 desses festejos. Os triunfos começaram a repetir-se, formando-se a parilha de novilheiros que até hoje mais interesse despertou em Portugal. A 16 de Junho, ambos saíram em ombros numa novilhada dos Paulinos na praça velha de Santarém, e em triunfo voltaram



JOSÉ FALCÃO
Nasceu em Vila Franca do Alentejo a 17 de Agosto de 1927. Iniciou-se pela primeira vez no público, no Praça de Coruche a 10 de Abril de 1949. Toureou a 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31 de Abril de 1963.

OSCAR ROSMANO
Nasceu em Évora a 18 de Setembro de 1902. Apareceu-se publicamente pela primeira vez, no Coruche a 13 de Agosto de 1947. Toureou a 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31 de Abril de 1963.


SECTOR DA JUVENTUDE
Nestes espectáculos o SECTOR é destinado a todos os jovens até aos 17 anos, a Estudantes Universitários munidos do seu cartão e a Militares sem graduação



- ▶ José Falcão foi o grande triunfador da 2.ª Novilhada da Juventude, em 12-4-1964, no Campo Pequeno
Col Particular
- ▶ *Montera* de José Falcão
Col Particular
- ▶ Capote de passeio – *grana* e ouro, com a imagem do Senhor dos Passos
Col Particular



CAMPO PEQUENO
DOMINGO, 12 DE ABRIL DE 1964
AL 17 HORAS
2.ª NOVILHADA DA JUVENTUDE



ALCÁÇER DO SAL ESPECTÁCULO PARA MAIORES DE 6 ANOS
ORGANIZAÇÃO DO SALATIA ATLÉTICO CLUB
QUARTA-FEIRA, 24 DE JUNHO DE 1964 (Dia de S. João) às 17,30 horas (100 e 200 h toiros)
Grandiosa Corrida de Toiros
LINDOS e bravos toiros
CAVALEIROS
ENG. JOSÉ DE BARAHONA NÚNCIO
ALFREDO CONDE
JOSÉ FALCÃO
OSCAR ROSMANO
Um Valioso Conjunto de Bandarilheiros
DE ENG. JOSÉ DE BARAHONA NÚNCIO: António Correia e Manuel Badajoz DE ALFREDO CONDE: Guilherme Pereira e Olegário Nunes DE JOSÉ FALCÃO: José Tasso, Jorge Marques e Joaquim Gonçalves DE OSCAR ROSMANO: António Badajoz, Manuel Barreto e Jorge Domingues
GRUPO DE FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM
PREÇOS: Sombra desde 40\$00 — Sombra-Sol 30\$00 — Sol desde 20\$00



PRAÇA DE TOIROS DE CORUCHE
EXPOSITA: PENA & SILVA, LDA. • ÉPOCA 1963
nos dias 16, 17 e 18 de AGOSTO de 1963
Uma imponente corrida de toiros — Uma grandiosa Novilhada Um sensacional Festival Taurino na maior Feira Taurina do ano
Sexta-Feira, 16 de Agosto
IMPONENTE CORRIDA DE TOIROS
8-BONITOS E PUROS TOIROS-8
PEDRO LOUCEIRO - DAVID RIBEIRO TELLES
MANUEL DOS SANTOS - JOSÉ SIMÕES
Grupo de Forcados Amadores de Lisboa
Domingo, 18 de Agosto
DIA DO CAMPINO
GRANDIOSA NOVILHADA
8-TOIROS PUROS-8
ALBERTO LOPES - RIBEIRO TELLES - UMBERTO COMBE
JOSÉ FALCÃO - OSCAR ROSMANO
Grupo de Forcados Amadores de Coruche
Sábado, 17 de Agosto
SENSACIONAL FESTIVAL TAURINO
DIA 18
ANIMADA LARGADA PELAS RUAS DA VILA
Molpoes 6 anos
VENDA DE BILHETES
Em vigor todos os dias...
PREÇOS: Sombra desde 40\$00 — Sombra-Sol 30\$00 — Sol desde 20\$00



- ▶ Campo Pequeno, 12 de Abril de 1964
Col MMVFX 001421
- ▶ Coruche, 18 de Agosto de 1963
Col MMVFX 001391
- ▶ Alcácer do Sal, 24 de Junho de 1964
Col MMVFX 001437
- ▶ José Falcão no Campo Pequeno, em meados dos anos 1960
Col Particular



Col MMVFX 001387

Col MMVFX 001369

Col. Particular

Col. Particular



a sair quatro dias depois, no Campo Pequeno, onde lidaram uma novilhada de João Gregório, desta vez alternando também com «El Pireo». Recuperou depressa duma cornada sofrida na praça da Póvoa, a segunda da sua vida, depois da que sofrera em Ferreira, numa tenta na Malhada Velha, de Dona Maria Ana Passanha, no início desse mesmo ano. E no Montijo, em 29 de Setembro, por sinal numa das duas corridas de sua vida em que teve no cartaz a presença de Mestre João Núncio, alcançou grande triunfo, com uma actuação que o lançou definitivamente para figura do toureiro apeado desta terra. E, tendo começado a cobrar das empresas à custa do valor que, a par de Rosmano, ia revelando, alcançam no Campo Pequeno, em 27 de Outubro, a cifra de 25 contos cada um, quantia que em Portugal nunca fora paga, nem consta que tenha voltado a sê-lo até hoje, a um novilheiro. Nessa corrida, Falcão obteve na capital êxito consagrador dum toureiro completo, usando o capote, as bandarilhas e a muleta de forma a pôr o Campo Pequeno em alvoroço.

No ano anterior, José Falcão fora às sortes, havendo sido alistado em 26 de Julho, em Artilharia. E, em 21 de Outubro de 1963, foi incorporado no activo, com o n.º 63-A-49 067. Na caderneta militar. Onde não constará qualquer infracção ou castigo, figura já a profissão de «Toureiro». A 1 de Março de 1964 terminou a escola de recrutas no CICA 2, integrado no Regimento de Artilharia Pesada n.º 3, na Figueira da Foz, ficando com a especialidade de condutor-moto. Transitou então para o Regimento de Infantaria n.º 15, em Tomar, cidade onde Dona Emília Bento, comovida, o recorda treinando



José Falcão durante a recruta militar no CICA 2, integrado no Regimento de Artilharia Pesada n.º 3 na Figueira da Foz.

Col Particular

Bilhete de identidade militar do soldado n.º 49 067 da classe de 1963, consta uma arma (Artilharia), uma especialidade (condutor de moto) e uma profissão: Toureiro

Col Particular



numa cave da loja do aficionado que era Teodoro Henriques, seu marido. Em Tomar se manteve, até 22 de Setembro desse mesmo ano de 1964, data em que recebeu guia para Lisboa, onde permaneceu, como convocado no serviço extraordinário, até ser licenciado em 15 de Abril de 1966. Também na vida militar o carácter espontâneo e aberto de José Falcão lhe tinham conquistado as simpatias suficientes para que só encontrasse boas-vontades, e assim sua carreira profissional não sofresse praticamente outra forçada interrupção que a das colhidas.

Durante as duas temporadas em que foi soldado, José Falcão pode portanto tourear diversas novilhadas. Dos dez festejos em que tomou parte, em 1964, dos quais seis mano-a-mano com Rosmano, há a destacar um novo triunfo em Lisboa, a 12 de Abril, e a corrida de 14 de Junho na nova praça de Santarém, durante a qual coube a José Falcão a primeira lide a pé que nela se efectuou. O «novilho» era um touro malhado de Assunção Coimbra, que pesou

▶▶ José Falcão na época em que cumpriu o serviço militar, na especialidade de condutor de moto, na Figueira da Foz

▶ Col Particular

▶ Regimento de Infantaria n.º 15: José Carlos Frita Falcão. Carta de autorização para pernoitar fora do quartel, na Rua Sacadura Cabral, n.º 12

▶ Col. Particular



mais de 500 quilos, e com o qual o jovem novilheiro se portou como se nada fosse, com o valor habitual. Embora alternasse com Rosmano, mais antigo do que ele, já nessa altura Falcão saía à frente do eborense, visto que tinha toureado primeiro no Campo Pequeno, e se aceitara o princípio, sustentado por Manuel dos Santos em defesa da categoria da «sua» praça, de que era a apresentação na capital que definia a antiguidade. A 17 de Agosto, em Coruche (por sinal na corrida em que António Badajoz, molestado pelo público da sua terra, decidiu não voltar a tourear naquela arena), sofreu uma colhida de que saiu com o braço partido, o que lhe cortou praticamente o resto da temporada, pois só pode reaparecer a 8 de Outubro, em Lisboa, num festival de primeira classe em que alternou com três famosos: El Litri, Joselito Huerta e Paco Cami-



▶ Começa a falar-se de José Falcão: dum jovem novilheiro que é capaz de chegar à praça, largarem-lhe um inimigo com mais de 500 quilos, e por-se a tourear de verdade

▶ Foto: Artur Martins

▶ Assim aconteceu neste toiro de Assunção Coimbra, que por sinal foi o primeiro que se lidou a pé na nova praça de Santarém a 14 de Junho de 1964

▶ Foto: Artur Martins

▶ As primeiras cortesias de José Falcão, em Coruche

▶ Col. Particular



no. Vi-o nessa tarde, pela primeira vez das bastantes vezes em que o seguiria, por essa Ibéria fora. E escrevi: «O novilho que coube a José Falcão tinha génio, revolvía-se tão rapidamente que dava a impressão de buscar o vulto: pois nunca lhe perdeu a cara, aguentou-lhe investidas que pareceram demasiadas para as poucas corridas que leva. De estilo, não direi que seja um eleito: mas

o estilo depura-se se há valor, cabeça e «afición» para tanto. E com bastante menos classe deve haver muito quem apareça a encher cartazes, e a ajudar a encherem-se as algibeiras de empresários e apoderados. Deve haver, não: há».

Foi também por obra e (des) graça dos touros que, em 1965, Falcão toureou apenas oito novilhadas, só numa delas alternando com Rosmano, que a partir do ano anterior tinha sido lançado em Espanha e França. E foi de França que veio, à pressa, substituir José Falcão na novilhada das festas de Nossa Senhora do Castelo, em Coruche: o vilafranquense, quando a 15



As novilhadas eram «oportunidades para poder desbastar, diante de novilhos, aquela madeira de toureiro que pouco a pouco, insistindo com firmeza nos treinos e nas tentas, os Badajoz iam trabalhando»

Col. Particular

Nos tempos de novilheiro, depois duma lide esforçada

Col. Particular



de Agosto alternava com José Trincheira e Ricardo Chibanga nas Caldas da Rainha, fora colhido por um novilho do Marquês de Rio Maior, resultando com um deslocamento de vértebras que o ia deixar fora de combate para o resto da temporada: e contudo tivera forças, não se sabe como, para se aguentar na arena até ao fim. A colhida, tal como havia de suceder com tantas outras que Falcão sofreu ao longo da sua carreira, não lhe afectou o ânimo, a vontade decidida de ser toureiro.

Afectou-lhe, sim, a vontade de usar o traje negro e ouro que levava, e que parecia não dar sorte a ninguém: começando pelo seu primeiro dono, o Manuel dos Santos, que o cedeu ao José Júlio, que pouco depois lho devolveu. O matador da Golegã decidiu então vendê-lo barato, ao Rosmano. Com esse fato de matador de luxo, apresentou-se o moço em Vila Franca, da única vez que ali toureou (Outubro de 1963) e foi agarrado. Como no ano seguinte, ao usá-lo outra vez no Campo Pequeno, teve pouca sorte, resolveu fazer uma troca com Falcão, que foi toureando com ele, até essa tarde das Caldas que lhe deu cabo da temporada, e fez voltar o fato aziago ao Rosmano, que o levou para o México, onde o tornou a vestir. Resultado: uma cornada, por sinal durante uma faena brindada ao Manuel dos Santos, seu proprietário inicial, que assistia à corrida. Provada a má sina do traje, tratou Rosmano de o vender, por terras mexicanas se lhe perdeu o rasto.

Nessa altura tinham passado já os tempos mais difíceis, em que Falcão e Rosmano toureavam com fatos emprestados deste e daquele, a princípio quase

José Falcão e Óscar Rosmano dão a volta à arena de Santarém, com os cavaleiros Manuel Conde e David Ribeiro Telles e os forcados escalabitanos [1963]

Col. Particular

MAIORES 6 ANOS

CAMPO PEQUENO

SOCIEDADE CAMPO PEQUENO, LDA. ♦ 3.º ESPECTÁCULO ♦ ÉPOCA 72.ª

DOMINGO, 19 DE MAIO DE 1963
ÀS 17,30 HORAS

CAVALEIROS	PEDRO LOUCEIRO MESTRE BAPTISTA	BANDARILHEIROS Joaquim Silva Olegário Nunes Augusto Gomes António Garcão Manuel dos Santos (Pillito) Manuel Badajoz José Tinoca Manuel Barreto Jorge Marques Francisco Susano
ESPADAS	JOSÉ FALCÃO EL FILIGRANA	VENDA DE BILHETES Começa no dia 16 de Maio, na Bilheteira da Praça dos Restauradores, 7, Telefone 321712, das 10 às 19 horas e no dia da corrida nas bilheteiras da Praça a partir das 10 horas.
FORCADOS	AMADORES DO MONTIJO <small>constituído pelos Ex.ªs Srs. Renato Manuel Dias (cabo), Jaime dos Santos Tomaz, António Júlio Rocha, José Jacinto Cavalheiro, Fernando da Costa Fernandes, Francisco Clemente Lalça, João Ferreira Pratas, Hermanno Rodrigues Marques, João dos Santos Pina, António Raposo Margulhan, José Quimadelos Lamosa, Joaquim Manuel Laboreiro, Francisco Palpita Soeiro, Augusto de Azevedo e Eduardo Surdão Maria</small>	PREÇOS SOMBRA desde 40\$00 SOMBRA-SOL > 30\$00 SOL > 25\$00 GALERIAS > 15\$00 SECTOR 6 10\$00 (novos alicionados até 17 anos)

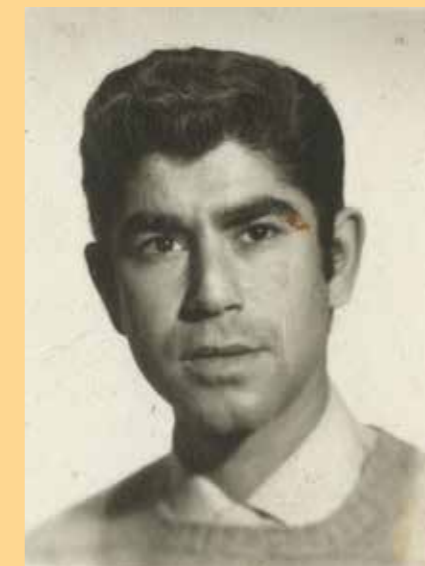
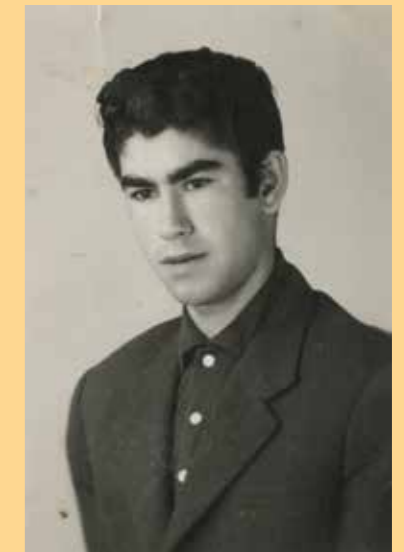
8 - NOVILHOS - 8
DE MANUEL DA SILVA VITORINO

5000 - Tip. - A Persistente - Chamusca-10-5-1963 - Avençado 250 ex.

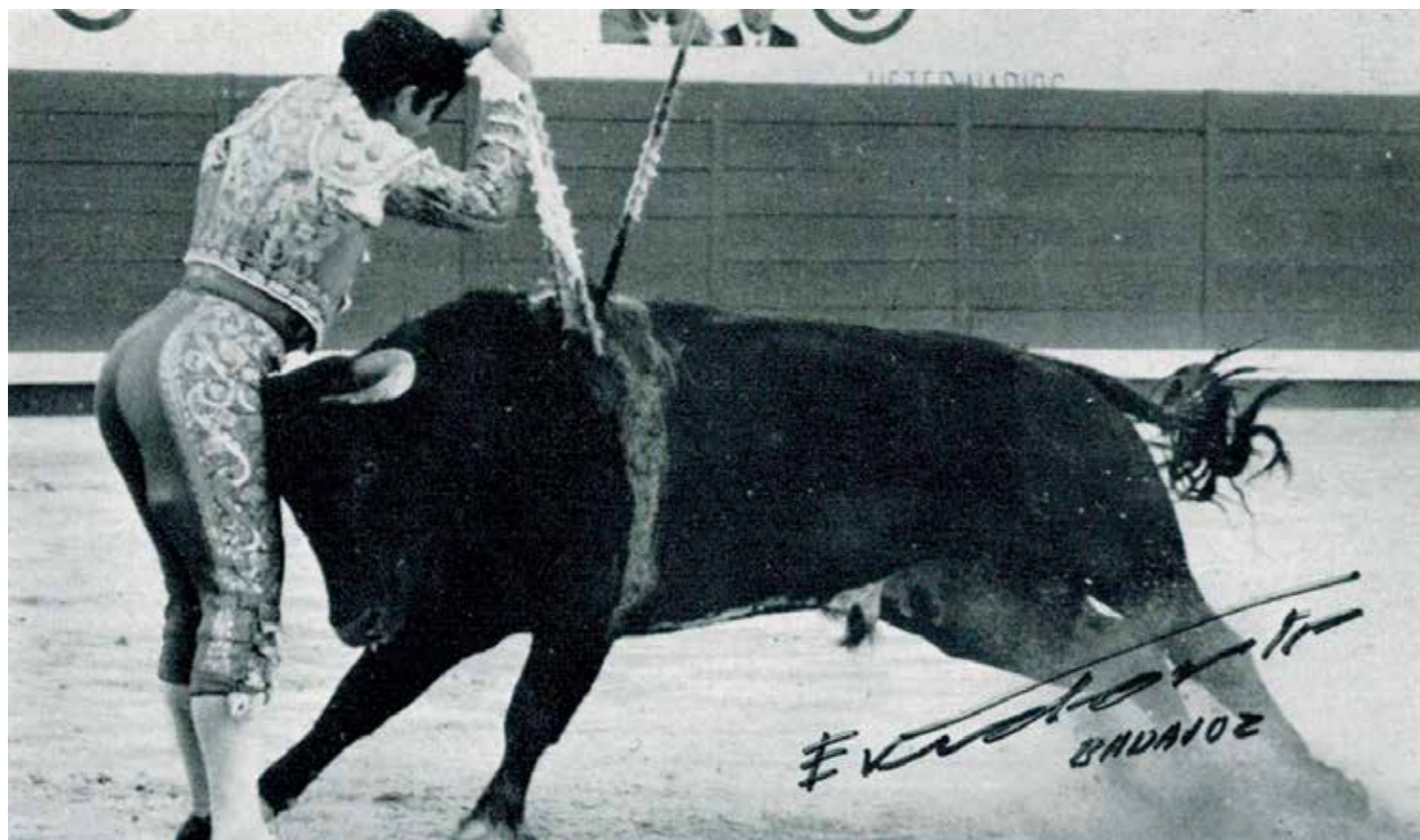
sempre do José Simões, fatos que os já falados jeito e paciência do Manuel Badajoz conseguiam pôr de maneira a parecerem feitos para os novilheiros da casa. E, em 1966, Falcão teve o seu primeiro trajo novo, branco e ouro, que mandou fazer no Armindo e estreou no Campo Pequeno; e outro quase novo, verde e ouro, que António Badajoz lhe arranhou quando El Cordobés veio nesse ano tourear a Santarém. «Manolo, tenho lá um rapaz que está a começar, se tiveres algum fato que possas ceder...» E, já que António dizia que o rapaz tinha jeito, não precisou Manolo de o ver nem conhecer para logo ali fazer oferta do traje verde e ouro que trazia vestido, ordenou ao moço-de-estoques que no final da corrida o entregasse ao António Badajoz.

Contudo, apesar de não lhe faltarem trajos capazes, apesar da sua decisão de andar para diante, ainda não foi na temporada de 1966, embora o pudesse fazer por já estar livre do serviço militar, que José Falcão foi considerado no ponto oportuno para se lançar em Espanha, onde o perigo é maior, a guerra mais acesa, e os fracassos se pagam muito caro, quando não destroem de vez as ilusões. Assim, nessa temporada toureou 14 novilhadas e festivais, sendo as duas primeiras as da sua apresentação em Lourenço Marques, onde a 9 e 10 de Abril deixou magnífica impressão, alternando com Orteguita. Regressado à Metrópole, seguiu na brecha, garboso, valente, toureiro. Em 16 de Junho,

▲
Lisboa, 19 de Maio de 1963: José Falcão
ascende à categoria de novilheiro
Col. Particular



▲
O toureiro em várias fases da vida
Col. Particular



Vázquez em Sevilha, sem picadores. «Puede equivocarse y el lo sabe; por esto estima que el toro está aleccionando al torero, desde que sale del chiquero hasta que doble; por eso templa, domina y llega a conseguir en muchos momentos perfección y belleza singulares. Si esta humildad no le abandona y la suerte le ayuda, Portugal tiene en José Falcón su primera figura de todos los tiempos». Colhido e pisado no segundo dessa tarde, saiu em Bilbau no último dia de Março, ainda com uma cervical lesionada: mas não quis faltar, sabia que no seu nome estava a força do cartaz, depois do estrondo dos triunfos de Barcelona e de Madrid. De novo colhido, sofreu uma cornada de prognóstico reservado. Vinte dias depois, reapareceu em Saragoça, donde foi a Valência: com a brava novilhada de João Núncio (que tinha a ganadaria em provas para poder lidar em Espanha), cortou duas orelhas e saiu em ombros. Logo após a repetição em Barcelona, ganhou em Nîmes, alternando com José Luís Román e Rafael Roca, em 5 de Março, o «capote de ouro», que ofereceu à Senhora da Boa Morte, em cuja capela se encontra, lá no alto do monte, onde Vila Franca vai todos os anos em romaria, na quinta-feira de Ascensão, que o povo chama da espiga. Uma semana depois, com novilhos de Pérez de Tejada e alternando com dois andaluzes, Manolo Sanlúcar e Cagancho, cortou duas orelhas em Sevilha, e obteve nova consagração. «Aqui despacito, matador» - recomendou-lhe o seu peão Adolfo Lafuente, quando ele saiu a recolher o primeiro no capote: os lances foram de maravilha, logo ali começou a Maestranza a render-se ao jovem maestro.

A 26 de Maio, um novilho de Escobar atravessou-lhe a perna com uma cornada, ao bandarilhar em Badajoz; mas recuperou a tempo de se despedir de novilheiro em El Tiemblo a 16 de Junho. José Falcão estava pronto para a alternativa de matador de touros. E ia ser de verdade um matador de touros.

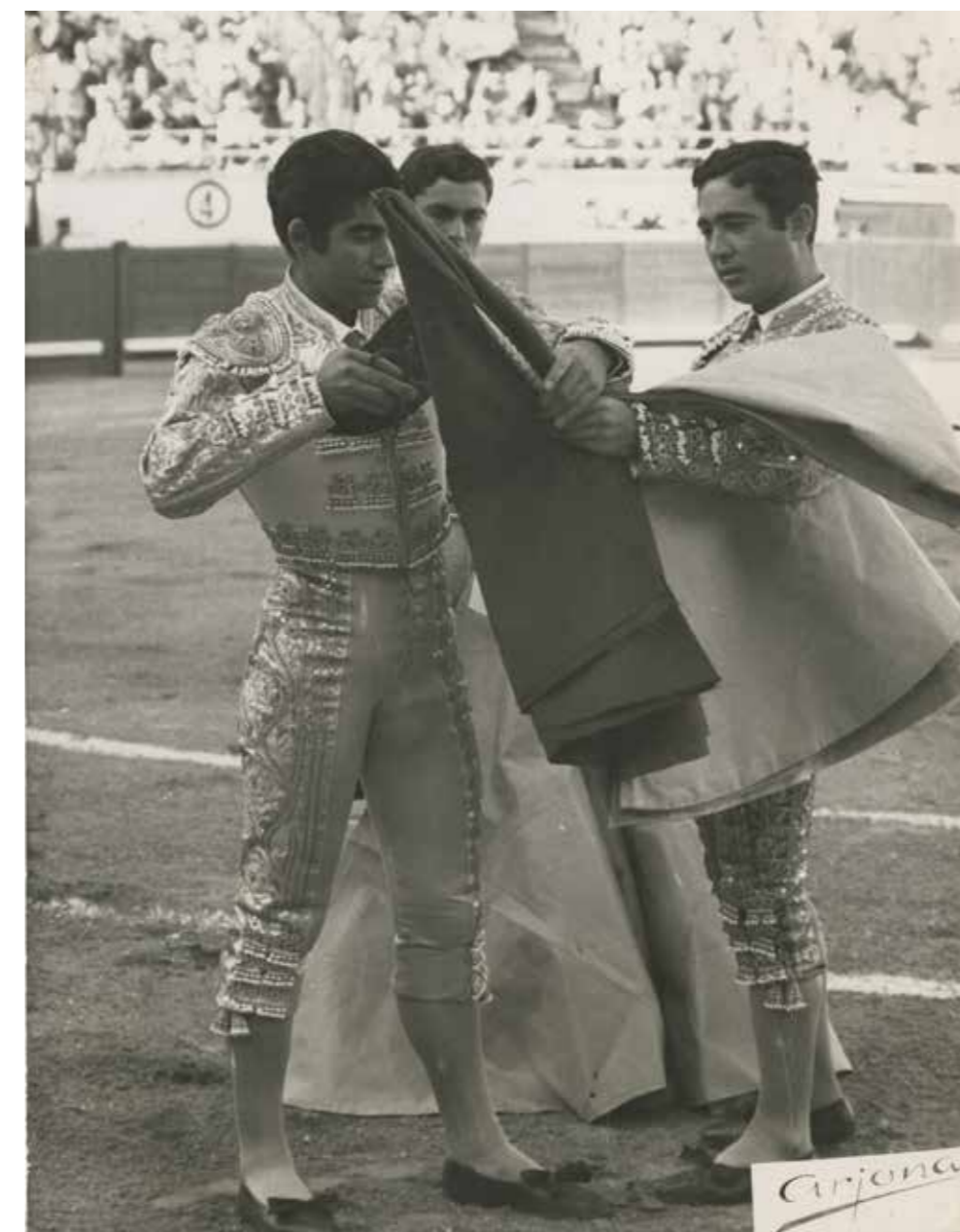
▲
Pelo assomar do piton, bem se vê como a cornada lhe atravessa a perna. Foi em Badajoz, em 26 de Maio de 1968, estava a um mês da alternativa

Foto: Vidarte

O 14.º matador de touros português

Esboço de suas sete temporadas de alternativa

José Falcão tomou a alternativa em Badajoz, vestido de azul e ouro, no dia 23 de Junho de 1968, quando Paco Camino, na presença de Paquirri, lhe cedeu o touro «Norteño», negro, n.º 48, com 485 quilos crescidos em quatro anos e alguns meses, e pertencente à ganadaria portuguesa de Cunhal Patrício. Cortou-lhe uma orelha, e igual prémio obteve no último dessa tarde, em que se tornou o 14.º português a ascender ao grau de matador de touros.



◀
Paco Camino concede a alternativa a José Falcão, com o testemunho de Paquirri (Badajoz, 27-6-1968)

Foto: Arjona



▲
O traje de luces da alternativa,
branco e ouro
Col. particular

Esses são os dados, frios, da efeméride que para José Falcão foi tão importante. A medida da importância que deu a esse dia está em ter feito questão de que sua mãe estivesse presente, sabendo embora quanto lhe custaria. Dona Sofia foi a Badajoz, mas não teve coragem de sair do hotel, ali esperou o abraço feliz que o filho lhe trouxe no triunfal regresso. Tirando uma vez em 1972, nos pueblos de Espeja e de Tamanes, perto de Ciudad Rodrigo, em que se tratava de festivais e a convenceram de que os inimigos eram realmente uns novilhões inofensivos, Dona Sofia nunca entrou em praça de touros de que seu filho fosse matador. E não avaliava ela, recolhida em ansiosas esperas na sua casa de Vila Franca, de como iam ser touros – quantas vezes os que outros não queriam – os touros que seu filho matava.

Temporada de 1968

No resto dessa temporada de 1968, José Falcão toureou 14 corridas de touros como matador. Colhido em 4 de Julho, ao apresentar-se em Lisboa depois da alternativa, reapareceu a 21 do mesmo mês na praça de touros de Barcelona, onde diante de uma corrida séria de José Infante



Fa



Prieto



◀◀◀
Cabeça de Norteño, o touro de Cunhal
Patrício com que José Falcão tomou a
alternativa
Col. particular

◀◀
A mãe de José Falcão, Sofia da Concei-
ção Frita, despedindo-se do filho no dia
da alternativa
Foto: Prieto

▲▲
Oratório da Virgem da Macarena, onde
a mãe de José Falcão rezava sempre
que o filho toureava
Col. particular

◀
Cartel da Feira de Badajoz de 1968,
em que José Falcão se doutorou como
matador de touros
Col. particular

▲
Bilhete da alternativa de José Falcão,
em Badajoz
Col. particular



da Câmara, se portou como irá suceder ao longo da sua carreira: melhor que o faziam muitos matadores que as empresas entendem dignos de maiores facilidades. Dois dias depois, alternando com Paco Camino e El Cordobés em Mont-de-Marsan, a espada não o deixa coroar o entusiasmo com que o público francês seguiu a lide que deu aos Buendias. Mas a 4 de Agosto, em Nîmes, com os mesmos e famosos companheiros, teve outra grande actuação, cortando três orelhas. E nesse ano há ainda para destacar a lide primorosa que deu a um touro de Cunhal Patrício em Almendralejo, uma tarde sensacional em Peñaranda de Bracamonte, em que cortou quatro orelhas e dois rabos, e ainda o triunfo na segunda corrida da feira de Logroño, onde eclipsou Júlio Aparício e o mexicano Alfredo Leal. Alternando com Paquirri, em Santarém, na feira da Piedade, confirmou a justiça da crítica portuguesa ao conceder-lhe nesse ano o Prémio da Imprensa; e fechou a sua primeira temporada de alternativa em plano de quem, entre os matadores, não seria apenas mais um.

Temporada de 1969

Não foi nunca mais um. No ano seguinte, toureou 30 corridas e, pelas praças por onde foi passando, o público e a crítica não tiveram remédio senão reparar naquele português que toureava e lidava autêntico

Vicente Punzón confirma a alternativa de José Falcão, em Madrid. Como testemunha, Aurelio García Higares (27-6-1969)

Foto: Martín

Traje de luces da confirmação em Madrid

Col. particular

PLAZA DE TOROS
Peñaranda de Bracamonte
DOMINGO, 23 de Marzo 1969
EXTRAORDINARIA
¡CORRIDA DE TOROS!
Por primera vez juntos los dos mejores banderilleros de este Apuro: DAMASO GOMEZ y JOSE FALCON
SELECCIONADOS TOROS
6 Arellano y Gamero-Cívico
DAMASO GOMEZ
Victor Manuel MARTIN
JOSE FALCON
La corrida empezará a las CUATRO Y MEDIA de la tarde

PRECIOS DE LAS LOCALIDADES	
Plaza	400
Castellanos	300
Fuencalientes	200
Exteriores	75

VENTA DE LOCALIDADES: En Peñaranda, en las salas de restauración y en las mesas Bar Lope, Plaza de España, 28, Teléfono 789 y en la Estación. Véase

Puede estar seguro si es WESTINGHOUSE
Distribuidor oficial y exclusivo. Ciudadidad -SIVA-

PLAZA DE TOROS
PLASENCIA
Día 6 de Abril 1969 - Domingo de Resurrección
INAUGURACION DE LA TEMPORADA
EXTRAORDINARIA
¡CORRIDA DE TOROS!
SELECCIONADOS TOROS
6 Arellano y Gamero Cívico
Victor Manuel MARTIN
FLORES BLAZQUEZ
JOSE FALCON
de PORTUGAL.
La corrida empezará a las CINCO en punto de la tarde

PRECIOS DE LAS LOCALIDADES	
Juventes	400
Castellanos	300
Fuencalientes	200
Exteriores	75

MONT-DE-MARSAN
Du 20 au 25
JUILLET 1968
FETES DE LA MADELEINE
3 GRANDES CORRIDAS DE FERIA
Dopo PUERTA TININ PAQUIRRI
Antonio ORDÓÑEZ LINARES
Miguel MARQUEZ
Paco CAMINO EL CORDOBES
José FALCON

Plaza de TOROS de SALAMANCA
Feria de Septiembre de 1968
Radio-Televisión TELEFUNKEN
Andrés Hernández

PLAZA DE TOROS
AVILA
El Domingo, 20 de Julio de 1969
GRAN CORRIDA DE TOROS!!!
6 HERMOSOS TOROS 6
Doña María Sánchez de Terrones.
PACO Pallarés
José Falcón
Pedro Santamaría

GUARDA
GRANDIOSA CORRIDA DE TOIROS
SABADO 26 JULIO 1969 - As 5,30
7 - TOIROS - 7 de altísima ganadería propiedad de ALVAREZ MONCALVO
CAVALEROS
Manuel JORGE - Gregorio M. PIDAL
Sensacional mano - a - mano Lazo-Colombiano
Joselito de Colombia
José Falcão
Grupo de Forcados Amadores de Santarém

Col. MMVFX

Col. MMVFX

Col. Particular

Col. Particular

Col. MMVFX

Col. MMVFX

PEÑAZA DE TOROS
PEDRAJAS DE SAN ESTEBAN
 Los DIAS 28, 29 y 30 de Agosto 1969
 3 Acontecimientos Taurinos, 3
 CUAATRO novillos, CUATRO
 Don Julio Jiménez **Marlín**
PEDRIN CASTAÑEDA
 NIÑO DE LA CAPEA
LOLITA MUÑOZ
 Julio ROBLES y Fernando DOMINGUEZ
Antonio Chenal ANTOÑETE
PACO PALLARES - FALCÓN
ROBERTO DOMINGUEZ
 PRECIOS MUY POPULARES EN TAQUILLA
 ¡No dejen de ver estos dos grandes acontecimientos!

PLAZA DE TOROS DE TORO (ZAMORA)
 Ferias y Fiestas de San Agustín
 El JUEVES, 28 de Agosto de 1969
 Extraordinaria Corrida de Toros
MAGNIFICOS Y BRAVOS -TOROS-
Manolo BLAZQUEZ
Gabriel de la CASA **José FALCON**
DANONE
 (el más fiel guardian de su salud)

Toros en BARCARROTA
 El domingo 9 de noviembre de 1969
 ¡Colosal Festival Taurino Beneficio!
SEIS novillos-toros SEIS
D. GREGORIO MORENO PIDAL
ANTOÑETE
PACO CAMINO
JOSE FALCON
RUIZ MIGUEL
MANUEL ORTIZ



▲▲ Col. Particular
 ▲ Col. Particular
 ▲▲ Col. MMVFX
 ▲ Zafra [1969]
 Foto: Arjona

cos touros. Em 13 de Abril, repetido em Peñaranda por força do triunfo que ali conquistara no ano anterior, saiu em ombros depois de se ter enfrentado luzidamente com dois touros com mais de 600 quilos, de Arellano y Gamero Cívico, ganadaria com a qual repetiu as saídas triunfais, nas praças de Zamora e de Plasencia, onde em último lugar lhe soltaram o «Vendaval» – um touro de 7 anos, cuja presença nos currais já se espalhara pela cidade, mas que não foi capaz de assustá-lo. Em 15 de Julho, em La Moraleja, mano-a-mano com Mondeño, e os irmãos Peralta de rejoneadores, pôs a praça em delírio quando, depois de pegar vinte e cinco naturais a um touro de El Almendral, foi derrubado ao rematar a última série, e se deixou ficar de joelhos, aguentando-se sem ceder terreno em três molinetes seguidos. Dois dias depois de ter alternado em Lisboa com Paco Camino, nos tempos em que o «niño sabio» ainda se dignava tourear em Portugal (onde a falta de picadores o incomoda demasiado), José Falcão apresentou-se em Madrid como matador, em 27 de Julho, e foi Vicente Punzón quem lhe confirmou a alternativa, na presença de García Higuera, cedendo-lhe o touro «Arrayano», n.º 435, negro meano, com 480 quilos, também de ganadaria portuguesa como na alternativa de Badajoz, só que desta vez de Murteira Grave, e corrida muito séria. A faena de Falcão ao sexto da tarde foi impressionante e galharda, perdendo pelo estoque a orelha que mesmo assim o público pediu. Doutra ganadaria da sua terra, de Assunção Coimbra, eram os touros com que a 15 de Agosto, em Almendralejo, Falcão se meteu de forma às vezes angustiante. Mas já antes, a 3 desse mês, voltara a Madrid com touros de Gomendio (agora pertencentes à ganadaria também portuguesa de Ortigão Costa), e nessa temporada ali voltaria uma terceira tarde, com Antoñete, El Hencho e o rejoneador mexicano Gastón

Santos no cartaz, sendo o curro de Moreno Yagüe. Do que foram essas três tardes na Monumental de Madrid, fora da feira, conquistando em cada uma o direito à seguinte, todo o «mundillo» taurino se inteirou: bem se sabia como era coisa rara aparecer, na primeira praça do planeta, disposto e enfrentar-se com inimigos sérios, um toureiro com o sabor e a valentia poderosa de José Falcão.

Em 16 de Agosto, depois de triunfar em Pontevedra, com Miguelin e Diego Puerta, ante uma corrida muito grande e muito feia de Germán Gervas, teve de utilizar uma avioneta para chegar com tempo a Arles, onde numa corrida do Marquês de Bayamo obteve no sexto da tarde outro triunfo espectacular. Em 8 de Setembro, em Ayamonte, alternou pela primeira vez em sua vida com Rafael de Paula, estando o excelso cigano de Jerez em dia de medos e Falcão como sempre, em dia de coragens. Por elas, quando seis dias depois se retirava da praça de Villanueva del Campo, toda a praça lhe consagrou uma ovação assim comovedora, a gente gritando em coro o seu nome. Antes de fechar o ano nas feiras de Vila Franca e Santarém, José Falcão despediu-se da temporada espanhola em Zafra, no dia 5 de Outubro, com touros do Conde de la Corte: mais três orelhas, e nova saída em ombros, a caminho desse futuro que cada dia tinha de ganhar.

Temporada de 1970

Com a temporada de 1970, chegou «Retrato»: o touro de Cuadri, que em Madrid, na quarta corrida feira de Santo isidro, colheu José Falcão quando, depois de o lancar garbosamente, de lhe colocar sozinho três pares excelentes, fazia, ante o perigoso inimigo, uma das melhores faenas que recordam seus seguidores. A efeméride do touro de Cuadri ficou gravada

◀◀ Em Madrid, levando o touro fixo na muleta
 Foto: Prieto

▲ Tarde de êxito no México
 Foto: Liko

▲ Várias fases de uma estocada de José Falcão na corrida da confirmação da alternativa, em Madrid (27-07-1969)
 Col. Particular



a que acedeu o Presidente, Don Carlos de la Rosa. O matador pegou nas bandarilhas. Desta vez, ele que sempre gostava dos peões tapados enquanto preenchia o segundo tercio, precisou do apoio da quadrilha, porque o touro não se deixava colocar em sorte, dava muita guerra ao capote de Juan El Boni, e à serena experiência de António de Jesus. Mas o toureiro de Vila Franca tornou em brilho a dificuldade: cravou um excelente quarteio, pela direita; depois, partindo do estribo, com o inimigo a reservar-se, colocou outro pelo pitón esquerdo; por fim, um terceiro, extraordinário. A ovação foi cerrada, de gala, e José Falcão teve de sair a saudar, abstendo-se de dar a volta à arena, o que faria qualquer outro mais atreito a pôr a render os méritos. «Cuchareto» chegou à muleta com perigo: entrava forte, levantava a cabeça, punteava perigosamente. Mas Falcão estava decidido ao triunfo, que bem o mostrava a forma de brindar a toda a praça. Começou dobrando-se com o touro quatro vezes, e citou com a direita, por onde foi preciso valor para aguentar, pois também por esse lado o touro entrava mal e com génio. Rematou, mudando para a esquerda, e continuou expondo com uma vibração que contagiava o público. Depois de dois molinetes, quando já se esperava o fim da faena, o matador tirou-se do touro, decidido a recomeçar, muleta na mão esquerda. O preço da temeridade, da entrega, iria ser desta vez, a última, demasiado caro. O primeiro natural saiu apurado, porque o toureiro foi molestado por uma bandarilha; no segundo, infelizmente, o touro entrou sem buscar; por isso mais confiado estava o matador quando, no terceiro, «Cuchareto» se quedou, meteu na perna esquerda de Falcão a haste sobre a qual levantou, derrotando alto, o corpo já indefeso do toureiro, que deixou cair na arena. Com «Cuchareto» parado, a olhar para a sua vítima enquanto o atento capote de Antonio de Jesus não veio para o levar, José Falcão rodou, deitado, três ou quatro voltas sobre si mesmo, para se afastar do perigo, que não sabia consumado. Faltavam dez minutos para as sete da tarde, da sua última tarde. A cornada, seca, como punhalada, mal a notara o público até que o matador

▲
À saída de um par de bandarilhas a
Cuchareto, viu-se obrigado
a saltar a barreiraa
Foto: Francisco Sebastián



se levantou, as últimas energias acudindo ao chamamento da vontade de continuar, e da perna o sangue jorrou como de torneira aberta. «Estás herido...» - disse-lhe Adolfo Lafuente, que do seu burladero acorrera, ao auxílio do bom capitão. «Y bien...» - respondeu José. Mas já acorriam a pegar-lhe os areneiros, e o moço-de-espadas Vicente, e Alvarito Domecq, que com uma mão agarrou a ferida, empaparam-se-lhe os dedos de sangue que queria, conter. E dos terrenos do sector 8, lugar da tragédia, para a enfermaria partiu correndo o angustiado grupo; e sua carga preciosa ia marcando de vermelho, arena fora, o último caminho que, vestido de toureiro, havia de fazer José Falcão.

◀◀◀
O momento em que José Falcão é
colhido por *Cuchareto*
Foto: Francisco Sebastián

◀◀
O bandarilheiro Antonio de Jesus
tenta atrair a atenção do touro
Foto: Francisco Sebastián

◀◀
Gravemente ferido, o toureiro é
transportado para a enfermaria
Foto: Francisco Sebastián



Paseillo em Arles, com Manuel Benítez El Cordobés e Santiago Martín El Viti (30-3-1970)

Foto: Robert Boymond